



POESIA FEMININA À SOLTA

ESCRITA FEMININA
NO JORNAL DE SINES
E N'A FOLHA DE SINES
(1900-1930)

DIA DA MULHER 2018

POESIA FEMININA À SOLTA

ESCRITA FEMININA
NO JORNAL DE SINES
E N'A FOLHA DE SINES
(1900-1930)

DIA DA MULHER 2018

FICHA TÉCNICA

Coordenação

Sandra Patrício e Isabel Lousada. Arquivo Municipal de Sines/MCCLA/CLEPUL/CICS.NOVA

Introdução

Sandra Patrício, Arquivo Municipal de Sines

Revisão científica

Isabel Lousada, CICS. NOVA, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa, CLEPUL, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Edição

Câmara Municipal de Sines, 2018

ISBN

978-972-8261-22-1

Capa

Mulher a ler. 1941, Coleção de Maria da Luz Correia, Mosaico das Memórias,

APRESENTAÇÃO

No início do século XX várias mulheres publicaram, em Sines, poesia e textos em prosa, nos jornais locais. Entre elas estavam Florbela Espanca e Ana de Castro Osório, ou entre as escritoras locais e regionais, Alda Guerreiro e Regina Chalbert. Entre 1900 e 1901 publicou-se o *Jornal de Sines*, de que apenas conhecemos três números; entre 1919 e 1930 publicou-se em Sines o jornal *A Folha de Sines*, com intermitências e falhas.

Este último era republicano e desenvolvimentista, mas nele publicaram textos não só Júlio Gomes da Silva (1896-1988), director do jornal mas também várias mulheres sineenses, algumas anónimas e outras sob pseudónimo, que aqui se quer recordar. Entre as anónimas e os pseudónimos, destacam-se as arrojadas Moritha e Fany, que escreviam cartas literárias que, por vezes, agitavam as águas em Sines.

Este trabalho serviu ainda de base para um espectáculo poético no âmbito das comemorações do Dia da Mulher em 2018, com a colaboração científica da Doutora Isabel Lousada, a quem muito agradecemos. Que ele possa ser um marco na memória da produção literária feminina nos periódicos de Sines.

Fernando Ramos

Vice-Presidente da Câmara Municipal de Sines

INTRODUÇÃO

As mulheres de Sines cedo começaram a publicar nos jornais locais, a par dos seus congéneres masculinos, na senda de outras mulheres como Cláudia de Campos (1859-1916) e antecipando a obra de Arlete Argente Guerreiro (1905-1940), também ela uma activa participante da imprensa regional. Muitas destas mulheres são hoje desconhecidas e o uso de pseudónimos dificulta a sua identificação. Para além do mais, nem sempre existe a certeza destes pseudónimos, apresentados como femininos, esconderem de facto mulheres. Assim acontece por exemplo, com Julieta de Luna, a directora do *Almanaque das Senhoras*, que era afinal um homem, José Leoni Palermo de Faria (Lousada, 2014: 221).

Assim, para esta publicação, seleccionaram-se as produções assinadas por mulheres e por autores que se assumem como femininos no corpo do texto. Acerca de algumas destas autoras não se conhecem ainda dados biográficos fundamentados.

A publicação de artigos na imprensa regionalista constituiu-se uma importante ferramenta de participação feminina na opinião pública e na visibilidade das causas femininas (Lousada, 2012: 57).

Foram escolhidos os textos assinados por mulheres, ou em nome próprio ou sob pseudónimo, que se sabe residirem em Sines à data da publicação, ou do concelho vizinho de Santiago do Cacém.

Os textos escolhidos foram todos publicados nos periódicos *Jornal de Sines* e *A Folha de Sines*, cujos originais se encontram na Biblioteca Nacional de Portugal. Alguns números estão disponíveis no Arquivo Municipal de Sines, assim como uma cópia em suporte papel.

Do *Jornal de Sines* apenas se conhecem três números, entre 1900 e 1901. Era seu director Gregório Camacho, administrador Bento dos Santos e editor Ilídio Analide dos Santos. Conhecem-se poucos números, apenas os trabalhos de Nazaré Chagas (também tradutora, século XIX) e Guiomar Torrezão (1844-1898), escritoras de âmbito nacional, e as locais Rita Pereira de Matos e Julieta.

Entre 1919 e 1930 publicou-se em Sines o jornal *A Folha de Sines*, com intermitências e falhas: 1919-1920, 1925-1926 e 1930. A crítica política e social da realidade local esteve sempre presente e tornou o periódico incómodo durante o Estado Novo (1926-1974). Começou por ter a sede na Rua Serpa Pinto, próximo dos

cafés e da Praça Tomás Ribeiro, onde circulavam as novidades e os boatos. A partir de Agosto de 1919 o jornal mudou-se para outra rua talvez ainda mais movimentada, a Rua Teófilo Braga (Rua Direita). Esta rua era o coração comercial da vila.

O quinzenário era dirigido por Júlio Gomes da Silva Júnior (1896-1988), que se tornaria um importante publicista da região e uma personalidade marcante em Sines.

A partir de 1928, já em plena Ditadura Militar, Júlio Gomes da Silva abandonou a direcção *d'a Folha de Sines* e foi substituído por José Domingos dos Santos, continuando a sua linha editorial a reclamar o republicanismo. Júlio Gomes da Silva regressou à Direcção no número 34, de 29 de Dezembro de 1929.

As mulheres com opiniões políticas, literárias ou simplesmente de cultura geral eram vistas com estranheza, mas desde o século XIX que utilizavam os periódicos para expor os seus pontos de vista e publicar as suas produções literárias. No entanto, tiveram direito de antena n'*A Folha de Sines*.

A primeira mulher a publicar no periódico é Alda Guerreiro Machado (1878-1943), no segundo número (15 de Julho de 1919). A poetisa e pedagoga nasceu em Santiago do Cacém e neste segundo número da *Folha de Sines* publicou a composição poética “Depois da Guerra”, um desejo esperançado de paz após a Primeira Guerra Mundial (1914-1916), na qual Portugal também participou. O poema foi lido numa festa patriótica na Abela.

A escritora alentejana continuou a publicar n'*A Folha de Sines*: “Bucólica”, produção poética publicada no número de 1 de Setembro de 1919; “BemVindos!”, publicado em 1 de Outubro de 1919.

Além de Alda Guerreiro, com visibilidade regional, também Ana de Castro Osório, uma voz feminina nacional e republicana (1872-1935) viu as suas palavras publicadas n'*A Folha de Sines*. Em vários números entre 1 de Setembro de 1919 e 1 de Outubro de 1919 foram publicados excertos da sua obra *Às Mulheres Portuguesas* (1905) acerca da educação feminina. No número de 19 de Outubro do mesmo ano foi iniciada a publicação do artigo “A Miséria do Povo”, sobre a condição social das mulheres e crianças e as suas dificuldades económicas. A publicação do texto terminou em 15 de Janeiro de 1920, em cinco números.

Florbela Espanca e o poema “Saudades”, do *Livro de Soror Saudade*, publicado em 1923, também estão presentes. Em Sines o poema foi publicado no número de 6 de Fevereiro de 1929.

Eram também publicadas as produções poéticas das debutantes na escrita, como Regina Chalbert. O seu poema “A Rosa e o Orvalho” foi publicado no número de 15 de Agosto de 1919 como “Os meus primeiros versos”. Na edição seguinte publicou-se a correcção de algumas gralhas na publicação do poema. Regina Chalbert escreveu o seu poema em Lisboa e possivelmente tinha uma relação familiar com A. Chalbert, que assina vários artigos nos primeiros anos do periódico. Outras poetisas locais foram Maria D. L. Mano, que publicou “Brados d'Alma” em 15 de Dezembro de 1925, ou Carmem, que publicou “A Alguem” em 15 de Janeiro de 1920.

Também da vizinha vila de Santiago do Cacém Rita Pereira de Matos publicou uma série de poemas acerca da sua própria vila natal, entre 19 de Outubro de 1919 e 1 de Novembro de 1919. Esta poetisa já colaborava com a publicação desde 1901, quando publicou o poema “A Justiça”, no *Jornal de Sines*, no número 14 de 3 de Fevereiro.

Além da poesia, uma certa Fany, com certeza um pseudónimo, assinava uma carta literária na *Folha de Sines*. As cartas de Fany, cujo pseudónimo começou a ser grafado, a 13 de Setembro de 1925, como Famy, estabeleceram uma relação directa com uma correspondente imaginária, Mimi até 1930, com uma interrupção entre 1926 e 1929. Numa nota da redacção explica-se que se tratava *duma ilustre senhora sineense que assim modestamente oculta o seu nome de escritora distinta* (nº 25, de 13 de Setembro de 1925). Esta *escritora distinta* defendia a moda, não sem alguma ironia, como uma forma de acompanhar a evolução dos tempos. Assim contrariava a imagem das mulheres que se aventuravam nos domínios masculinos, aquelas que queriam ser homens, que perdiam a sua feminilidade e se vestiam e comportavam como eles. Como Cláudia de Campos, também Fany tinha gosto em se apresentar como uma mulher refinada e de sociedade, considerados contributos essenciais para agradar ao sexo masculino. O bom casamento era para Fany uma aspiração de todas as mulheres.

A adopção do *modernismo moderado* era para Fany um sinal de evolução social que se manifestava na moda, no comportamento. Era, no entanto, prudente e conservadora, e condenava os cortes de cabelo curtos nas mulheres (nº 29, 1 de Setembro de 1926). A mulher era ainda fonte de inspiração para os poetas. A respeitabilidade era ainda um valor para esta mulher *moderadamente moderna*, que, apesar disso, defendia que as mulheres eram livres para se vestir e pentear como entendessem, com os limites do bom gosto. Na sua definição de bom gosto, contudo, não entrava a maquilhagem.

No número de 20 de Janeiro de 1926 Fany escreve à sua amiga Mimi sobre o baile de Ano Bom na Caninha. Mimi residia no que a nossa escritora velada chamava de Alentejo: para ela Sines não fazia parte desta província, de onde eram originários os grandes lavradores que no Verão vinham a banhos e que animavam a pequena sociedade da vila.

De forma crítica, Fany nota a obsessão pelo penteado da última moda, à *garçonne* das meninas que frequentaram o baile. Também Américo Leal narra que em Sines os pais resistiam ao corte de cabelo das filhas: eram alvo da chacota dos homens quando passeavam na rua. Algumas raparigas, com o apoio da mãe, cortavam o cabelo em casa, às escondidas do pai, e escondiam o novo penteado com um lenço (Leal, 2001: 43). Talvez fosse sobre estas circunstâncias que a nossa mulher mistério se pronunciava.

Com muita verve e crítica, Fany explica à amiga que o sarau começou com a declamação de poesia e literatura, monólogos para si muito maçadores, e que o acompanhamento musical teve pouca técnica. Para Fany os rapazes e raparigas vindos do Alentejo, ao contrário do que hoje poderíamos pensar, traziam a alegria e a vida a Sines. Segundo Fany, esses rapazes e raparigas *São para nós como as andorinhas que na primavera nos trazem um pouco da sua comunicativa alegria.*

Aborrecida depois de um serão que se queria culto e civilizado, mas que, para a nossa escritora, foi apenas fastidioso, termina a sua carta dizendo preferir a naturalidade do cante alentejano: *Entre um sólo de violino, e um d'esses cantos alentejanos, lentos, cantados em côro, á volta da ceifa, não exito – prefiro o ultimo.*

O Carnaval foi o motivo para Fany alertar as suas leitoras para os namorados lisonjeadores, mas perigosos. No número 31 de 15 de Fevereiro de 1926 perguntava porque razão se insistia nas máscaras, se no dia a dia homens e mulheres viviam vidas falsas. E tendo em conta este argumento, apresenta o caso de um rapaz muito meigo no namoro mas um potencial agressor:

Aquele que na praia, este ano, te dirigiu amabilidades, que se curvava reverente, quasi até ao chão, mostrando-se dócil e submisso, seria o teu carrasco se chegasses a ser a sua mulher. Por uma das irmãs eu sei quanto é impertinente e mau, em sua casa.

Fany, mesmo que conservadora, já alertava, mesmo que de forma cuidadosa,

para o problema da violência doméstica, ontem, como hoje disseminado por várias classes sociais, e frequentemente silenciado. De um outro pretendente Fany advertia que era egoísta, só preocupado consigo próprio, perdulário e incapaz de dar uma esmola.

Fany também comentava a actualidade e as idiossincrasias locais. Na mesma carta em que denuncia as máscaras dos rapazes galantes, referia-se também à abertura de uma nova sociedade em 1926, a cujo baile ansiava ir, pois nele estaria o órgão da Igreja Matriz, que, pelo menos na década anterior, não estaria a ser utilizada para o culto religioso (Patrício e Pereira, 2017: 215-216). Seria esta sociedade uma daquelas referidas por Américo Leal, tidas como as sociedades dos *ricos da terra* e apelidadas com os nomes jocosos O Píncel, O Solidó e a Sociedade do Garfo (Leal, 2001: 49)?

No entanto, a sua participação era irregular, e terminou ainda antes do encerramento do jornal. De facto, numa carta ao director, publicada no dia 6 de Fevereiro de 1930, justificou o fim das suas cartas literárias com o efeito delas nas pessoas suas amigas:

[a] impressão desagradável que em algumas pessoas de minhas relações causou uma das minhas despreziosas fantasias.

Apesar de Fany ser cuidadosa e até conservadora, nem mesmo assim eram aceites as suas fantasias, talvez porque elogiavam a amizade e a fraternidade femininas. Na mesma carta, Fany refere que não podia continuar a ver Júlio Gomes da Silva a ser acusado de ser o verdadeiro autor das cartas. Optou por terminar a sua participação que tanto escândalo parece ter causado na pequena vila, sem desvendar o mistério da sua identidade:

Podéria desvendar esse mistério dizendo quem sou. Mas encanta-me tanto a confusão d'este enigma, que continuo a assinar-me com muita consideração e respeito.

Apesar desta carta, a autora mistério apenas termina a sua participação uns meses depois, no número 39-40, em 28 de Junho de 1930. Nesta última missiva alerta contra o perigo das credices e das cartas em cadeia, que já na altura eram usadas, mas para ter sorte ao amor, mescladas com o culto a Santo António. E num passo bem

significativo defende a educação das mulheres como forma de emancipá-las da ignorância e das manipulações. No entanto, as mulheres continuavam a ter a vocação de *boa filha, boa esposa, boa mãe*, mesmo que a sua educação e o desenvolvimento do seu espírito crítico se tornassem aceites como parte da pedagogia.

Além de Fany, de que demos estes exemplos, também existe o mesmo modelo, a epistolografia, praticada por outra mulher, cujo pseudónimo é Moritha. As suas cartas são em número muito inferior, apenas duas, publicadas sob o título *Cartas de Longe*: 5 de Setembro de 1925 e 15 de Fevereiro de 1926. Uma delas, a segunda, é publicada em simultâneo com uma carta de Fany, o que põe em causa a hipótese de os pseudónimos esconderem a identidade de uma mesma mulher. E enquanto Moritha reside em Lisboa e a abomina, Fany reside em Sines. Será Fany a amiga de Moritha? Mas Moritha não pode ser a Mimi, amiga e destinatária de Fany.

Moritha defendia a tranquilidade e a proximidade da natureza, de uma perspectiva romântica já enunciada por Cláudia de Campos em *Ele*. Uma ideia também expressa por Eça de Queirós na *Cidade e as Serras*. Sines surgia em dicotomia com Lisboa, como uma vila pequena e paradisíaca, longe dos pecados da sociedade e da civilização. Elogiava ainda o carácter histórico da vila, evocando Vasco da Gama:

Com a sua Egrejinha tão histórica que as mais pequeninas pedras nos falam da grandeza da nossa Patria, da gloria dos nossos antepassados e onde insensivelmente nos vergam os joelhos, os lábios murmuram a oração e o pensamento se eleva a Deus!

Em 15 de Fevereiro de 1926 volta a escrever *de longe*. Conta a amargura da partida depois das férias de Verão em Sines e propõe a ajuda aos *pobrezinhos* no próximo Natal, um exemplo da caridade posta em prática pelas elites locais por todo o país como marca de distinção social. Era frequente a organização de bodos para os pobres no Natal, quando se distribuíam géneros alimentares aos necessitados, e por vezes também roupa e calçado.

A maior parte das 29 produções filia-se na poesia (38%), seguida do ensaio (31%) e da epistolografia (28%). Apenas foi publicado um conto, o de Maria Cândida, possivelmente também um pseudónimo. “O Enjeitado” foi publicado em 28 de Junho de 1930. Narra a história de um pobre homem nas margens da sociedade, que, depois de expulso da herdade em que trabalhava por amar a filha do lavrador, se suicidou.

Um número destaca-se, no entanto: a edição especial de 25 de Janeiro de 1925. Nessa ocasião celebrou-se o centenário da morte de Vasco da Gama, em 1524, com celebrações por todo o país. Foi nessa ocasião que foi lançado em Sines o primeiro monumento em honra do navegador, um busto, que, no entanto, nunca chegou a ser edificado. A receita deste número da *Folha de Sines* revertia para a edificação do monumento no Largo dos Penedos da Índia.

Nesse número participaram os escritores locais, como Júlio Gomes da Silva e A. Chalbert, ou membros da elite de Sines, como Ernesto Pidwell, assim como personalidades do âmbito nacional tais como: o de Tomás Ribeiro e a sua filha Branca de Gonta Colaço (1880-1945). Entre as mulheres participantes, além desta poetisa e conferencista, também escreveram mulheres com importância regional, como Alda Guerreiro. Outras viriam a ter uma dimensão nacional, nomeadamente Branca da Silveira e Silva (1887-...?), ainda antes de desempenhar funções políticas no Estado Novo (1933-1974). Maria B.M. Camacho, cujos dados biográficos ainda não foram apurados, apresentava-se como estudante. Mas é seu o texto “À Memória de Vasco da Gama”, o qual abre a primeira página do número especial, num vasto elogio à memória mitificada do navegador. Essa é, aliás, a principal característica dos textos, quer escritos por homens quer por mulheres: fazer o elogio de Vasco da Gama como o grande herói nacional e recordar que esta figura nascera em Sines.

O mundo da escrita feminina dos periódicos em Sines está ainda por explorar. É dinâmico, vivo, e esconde o mistério da autoria. Esta é apenas uma pequena introdução.

Sandra Patrício
Arquivo Municipal de Sines

ANEXOS

Quadro 1- Textos publicados no *Jornal de Sines* (1900-1901)

Número	Data	Título	Autora	Género
1	1900/11/04	O Escaravelho Dourado	Nazaré Chagas	Conto
14	1901/02/03	A Justiça	Rita Pereira de Matos	Poesia
		Devaneios	Guiomar Torrezão	Conto
16	1901/02/24	Enigmas	Julietta	Charadas

Quadro 2- Textos publicados mulheres n'*A Folha de Sines* (1919-1930)

Número	Data	Título	Autora	Género
2	1919/07/15	Depois da Guerra	Alda Guerreiro Machado (1878-1943)	Poesia
4	1919/08/15	A Rosa e o Orvalho	Regina Chalbert	Poesia
5	1919/09/01	A Instrução	Ana de Castro Osório (1872-1935)	Ensaio
		Bucólica	Alda Guerreiro Machado	Poesia
6	1919/19/07	A Instrução	Ana de Castro Osório	Ensaio
7	1919/10/01	A Instrução	Ana de Castro Osório	Ensaio
		Bem Vindos!	Alda Guerreiro Machado	Poesia
8	1919/10/19	A Miséria do Povo	Ana de Castro Osório	Ensaio
		Adeus, à minha terra	Rita Pereira de Matos	Poesia
9	1919/11/01	A Miséria do Povo	Ana de Castro Osório	Ensaio
		Adeus, à minha terra	Rita Pereira de Matos	Poesia
10	1919/11/15	A Miséria do Povo	Ana de Castro Osório	Ensaio
11	1919/12/01	A Miséria do Povo	Ana de Castro Osório	Ensaio
12	1919/12/15	Educação de Crianças	Alda Guerreiro Machado	Ensaio
		Inverno		Poesia
13	1920/01/15	A Miséria do Povo	Ana de Castro Osório	Ensaio
		A Alguém	Carmem	Poesia
14	1920/02/01	Torre de Osso	Menina M	Poesia
Número especial	1925/01/02	Recordando o Herói	Maria B.M. Camacho	Ensaio
		Descobrimdo	Alda Guerreiro Machado	Poesia
		À Memória de Vasco da Gama	Branca da Silveira e Silva (Giesta)	Poesia
		Navegadores	Branca de Gonta Colaço	Poesia
24	1925/09/05	Carta de Longe	Moritha	Epistolografia
25	1925/09/13	Carta de Fany	Fany	Epistolografia
28	1925/12/15	Brados d'Alma	Maria D. L. Mano	Poesia
29	1926/01/01	Carta de Fany	Fany	Epistolografia
30	1926/01/20	Carta de Fany	Fany	Epistolografia
31	1926/02/15	Cartaz de longe	Moritha	Epistolografia
		Carta de Fany	Fany	Epistolografia
35-36	1930/02/06	Fany	Fany	Epistolografia
		Saudades, do álbum Menina e Moça	Florbela Espanca	Poesia
39-40	1930/06/28	O Enjeitado	Maria Cândida	Conto
		Cartas de Fany	Fany	Epistolografia

REFERÊNCIAS

ALFERES, Franck Noël da Silva. Hinos e Marchas militares no Estado Novo (1933-1958) - Contributo para a História da Música Militar na Propaganda do Estado Português. Lisboa: edição do autor, 2012. Dissertação de Mestrado em Didáctica da História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

ANDRADE, Adriano da Guerra. Dicionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 1999.

LEAL, Américo (2001). Quem Somos!: testemunhos. 1ª edição. S.l.: edição do autor.

LOUSADA, Isabel (2012). Elos de progresso científico e social: contributo para a História das Mulheres cientistas em Portugal. In Lousada, Isabel, e Gonçalves, Maria José – Women, Science and Globalization. What's up? Lisboa: AMONET. 61-89.

LOUSADA, Isabel (2014). Quem é afinal Julieta de Luna, diretora do Almanaque das Senhoras? Navegações: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa. Porto Alegre, Lisboa: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa. E-ISSN 1983-4276. Vol:7 n° 2 (Julho-Dezembro 2014). PP. 221-223.

LOUSADA, Isabel (2014). Quem é afinal Julieta de Luna, diretora do Almanaque das Senhoras? Navegações: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa. Porto Alegre, Lisboa: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa. E-ISSN 1983-4276. Vol:7 n° 2 (Julho-Dezembro 2014). PP.221-223.

OSÓRIO, Ana de Castro (1905). *As Mulheres Portuguesas*. Lisboa: Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso.

PATRÍCIO, Sandra; PEREIRA, Paula. *Sines, a Terra e o Mar*. Sines: Câmara Municipal de Sines, 2017.

Contos & Histórias

O Escaravelho Dourado

I

Um escaravelho voava pelo espaço. Era um lindo escaravelho, e quando atravessava um raio de sol, o espartilho de um verde dourado matizava-se de reflexos avermelhados.

Oh! Que lindo escaravelho!... e como eu desejava descrevel-o tão encantador como era! E quem o descreveria? Eu que não sou poeta, direi apenas que era um lindissimo insecto.

II

Um escaravelho voava pelo espaço brilhante como uma lagrima de rócio¹ e verde como uma esmeralda. A parte inferior do seu corpo, finamente laminada, e coberta por uma penugem alaranjada, projectada de vez em quando umas chamas semelhantes ao aos reflexos da de lamina de cobre. Os seus élytros² fustigavam o ar a compasso, descobrindo o espartilho luzente, e as antenas erguiam-se com altivez, como dois penachos.

-Como as flores me contemplam com amor! dizia elle. Oh! Aquella verbena córa, garota! Menina é encantadora! E aquelle amor perfeito a fazer-se côr de purpura... e aquelle botão d'ouro com icterícia!

Então o escaravelho enfatuava-se, voando em torno dos canteiros, brincando nos raiso do sol, e continuando na sua carreira voadora.

III

Viu n'um relance, entre um pé de herva da fortuna, um *bouquet* de madressilvas e alguns massiços de goivos, uma gentil e fresquinha rosa, mal sahida do botão, que olhava para elle com ternura.

-Oh! Disse logo o escaravelho... eis uma flôr encantadora, e a quem merece a pena fazer a côrte. Menina... vejo que é a mais fresca e bella d'este grande jardim,

¹Orvalho.

²Élbitro: asa de alguns insectos

continuou elle passando deante da pobre rosa, cuja haste principiou a tremer de emoção.

-Que tem? Causo-lhe medo?

-Oh! Não, disse a rosa inclinando-se um pouco para córar...

O verde escaravelho sentiu-se lisonjeado.

-Pois se lhe não causo medo, rosinha, deve consentir que eu seja seu marido...

-O senhor?

-Eu, sim.

Parece-me que a pobre rosa se tornou pallida.

Creia-me, disse o escaravelho dourado: as mariposas, seus amantes ordinários, são frívolas e volúveis, e o seu amor não tem mais consistência de que o pó das azas... Eu, amal-a-ia toda a vida, e viveria eternamente a seu lado, minha adorada; sempre lhe diria como lhe digo agora: Amo-a [sic] muito, rosinha, não quer amar-me?

A rosa estremeceu, as pétalas entreabriram-se.

-Amo-a! Repetiu o escaravelho.

E agachou-se amorosamente no coração da ffôr [sic], onde produzia o efeito de uma esmeralda, engastada n'um estojo de setim.

IV

Durou uma hora aquele idyllo d'amor; como não estariam felizes os nossos dois amantes!

-Amar-me-há sempre assim? Interrogava a rosa.

E o insecto respondia:

-Sempre!

Passou-se mais uma hora.

-É meio dia, disse um passaro que volteava pelas ruas do jardim.

E todas as aves repetiram:

-Meio dia! Meio dia!

-Ah! disse o escaravelho... é a hora do meu passeio habitual, e a minha saúde exige que eu dê uma volta.

-Vae deixar-me? perguntou a rosa, inquieta.

-Tranquilisa-te, meu anjo, eu voltarei!

O insecto esvoaçou alguns minutos em diferentes direcções e partiu em

seguida como uma flexa, sibilando nos ares, e dirigiu-se para um canteiro onde as dahlias se balouçavam sobre as suas altas hastes.

V

Havia muito tempo que a rosa aguardava o insecto, e repetia tristemente.

-Não volta mais!

Um pingo lhe rolava pelas pétalas, puro diamante que alguém julgaria ser orvalho, e que era uma lagrima.

As folhas enrugavam-se, a fronte curvava, e o vento fazia oscilar-lhe o péé.

-Não volta mais!

Uma das folhas cahiu. Chegava-se a noite. Passou finalmente uma phalena³.

-Não viu o meu escaravelho, mariposa?

-O teu escaravelho vi-o eu ao pé de uma rosa de musgo!

A pobre flor chorou.

O sol occultava-se.

-A rosinha não sentirá o sol d'amanhã, disse um goivo...

-Por culpa de quem, perguntou a verbena.

O sol estava quasi posto.

A rosinha viu vir ao longe o seu insecto, saltando sobre a fina areia das ruas e dizendo comsigo.

-Não há remedio se não variar; apoz a rosa de musgo, uma rosa simples. Vejamos o que é feito della.

A pobre rosa sentia-se desfalecer.

Chamou por duas vezes:

-Escaravelho d'ouro! Escaravelho d'ouro!

No mesmo instante, uma menina loura, rosada e linda, passava por ali. Viu o escaravelho.

-Cá anda o bichinho que me estraga as rosas.

E esmagou-o.

A rosa porem não poudo ver o crime, porque a pobre florinha morrera, e o vento brincava jovial com as suas cadavéricas folhas.

NAZARETH CHAGAS.

³ Falena. Borboleta nocturna.

Musa em Férias

A Justiça

Vi uma vez a justiça
Com a balança estendida
Pesando d'um lado a vida,
Honra, deveres e amor;
E do outro colocando,
Com gestos condescendentes,
Uns botõesinhos luzentes,
De brilhante e falsa côr.

Estando a primeira concha
Há muito no chão pousando
E a outra no ar mostrando
Da rasão grandes rivaes,
A velha d'olhos vendados,
Apoiada na varinha,
Teima que sabe a continha,
Que a segunda pesa mais.

Isto deu-se em pleno dia
E muitos espectadores
De riquezas sonhadores
Eram presentes alli;
A uns, gelava-os o medo,
Os outros emudeciam
Por motivos que sablam [sic];
Eu pensativa assisti.

Era ridiculo o quadro,
E tanto, que um circumstante,
Ao vel o [sic] torpe, indignante,
Taes palavras fez ouvir:
«Como pode alguém ainda
D'ar-te o nome que pretendes,
Quando á rasão não attendes
E a lei ousas infringir?

Quebra essa vara, que dizes
Ter mais valor do que os sceptros;
Tira a venda; vê espectros
Maldizendo o poder teu!
Não possues tacto nem vista,
Vil hypocrita, fantasma,
Todo o mundo, absorto, pasma
D'esse egoísmo sem véo!»

Ella abriu a boca enorme,
Capaz de sorver o mundo,
N'um rir medonho e profundo
Como o rir de Satanaz,
E disse: «Quem é o louro
Que me fere com insultos
E despressa assim meus cultos?...
Quem serás tu?...quem serás?...
Não te lembra Affonso VI?
Té aos réis sei tecer laços.
Que lhes detenham os passos

E os façam mortos cahir!
Farte-hei morrer deshonrado;
Tenho poderes para tudo!»
N'isto, o pobre ficou mudo
E a custo poudo fugir.

Os mais seguiram-n'o todos;
E ella, com gesto sereno,
Ficou dona d'um terreno
Que ninguém queira [sic] trilhar;
Tem milhares de caminhos,
Os mais tortos – são direitos,
E os que julgam perfeitos
Tem mais abysmos que o mar!

RITA PEREIRA DE MATOS

Devaneios

-Minha Senhora?

-Meu caro Senhor?

- Se nós nos casasse-mos?

-Era exactamente no que eu estava pensando.

Dito e feito, não perderam um instante.

As famílias consentiram, publicaram-se os banhos com uma prontidão extraordinária; as meninas e as senhoras convidadas a admirarem a corbeille, tiveram apenas o tempo indispensável para apresentar as joias e as rendas; e minutos depois do casamento, na igreja, limitada do restrictamento indispensável, partiram pelo expresso para o paiz encantado das aliveiras [sic] crestadas pelo sol e das laranjeiras em flôr.

Mas faltou-lhes a paciencia para prolongarem a sua viagem!

Logo na primeira estação, apearam-se, procuraram a correr uma hospedaria, e sem mesmo concederem á creada o espaço de tempo necessário para accender o fogão e fazer a cama, enlaçaram as mãos, estreitaram-as, enlouqueceram, foram amantes, trocaram beijos do que aquelles que depõem nos roseiraes em flôr, durante todo o verão, as borboletas e as abelhas.

Ah! Quantas caricias á pressa!

A antiga pendula da alcova – uma honesta pendula, grave, compassada, que não se apressa, - admirava-se de que se podessem fazer tantas coisas em tão pouco tempo.

No dia immediato, quando a noiva abria os olhos, deliciosamente fatigados:

Meu amor, disse-lhe elle.

-Que queres?

-Se nos divorciássemos?

-Era exactamente no que eu estava pensando.

GUIOMAR TORREZÃO

Secção Charadistica

Ao excelentissimo senhor A[rtur] Z[uzarte] Pitta

Enigmas

I

Sem a primeira, ninguém
No mundo póde viver;
A segunda muitas vezes
No baile ouvido-a has-de ter,

A avezinha em seu ninho,
Ou á sombra do arvoredó,
Salta agora esta primeira
Muito mais quando tem mêdo.

A segunda, meu leitor,
Repara que a has-de encontrar
Quando fôres impor silêncio
A quem estiver a falar.

O conceito não te esqueças,
De perto o podes seguir;
Se fôres tu que o procures,
Nunca te póde fugir!

JULIETA

II

Vi na tela do pintor
Um esboço primoroso,
Disse logo cá comigo:
D'aqui sae rosto formoso:

E sahiu! Não me enganei!
Dispondo melhor as côres,
Com um anjo deparei
Que desperta mil amores.

Em vez de côres põe letras
Não te quero enganar
Em vez d'um a põe um e
Se o conceito queres achar!

Está na primeira quadra;
N'outra não vás procurar.
Um nome por ti querido
E mui fácil d'encontrar.

JULIETA

POESIA

FOLHA DE SINES, N° 2

1919/07/15

Depois da Guerra

**Versos escritos para a festa patriótica que se realiza na freguesia
d'Abela**

Passou por este campo um frémito de dôr.

Era um grito de guerra!

Ouviu-se em todo o Mundo o sinistro chamar

Que até veio aqui ecoar á nossa terra.

Partiram da aldeia os moços cheios de vida

Para as terras d'Além! Tocàra a reunir...

... Deixavam cada um uma pessoa querida,

Mas a Patria chamou, forçoso era partir.

Mulheres a chorar! Pois como não seria?

Se lhes vinha á lembrança

Que um filho ou um irmão talvez! Não voltaria

Dessas terras d'alem a que chamaram França!

Que noutes sem dormir algumas não passaram

Que sonhos de tremer!...

E os rapazes por lá.... Como eles se arriscaram

Na ancia de vencer!

Como souberam bem, unidos e valentes

A par doutras açções

Corajosos lembrar audazes e frementes

No velho Portugal as grandes tradições!

Hoje, que a paz cobriu de ramos de oliveiras
O Mundo todo em guerra,
Que enfim já acabou a estada nas trincheiras
E temos entre nós os filhos d'esta terra,

Unamo-nos saudando a liberdade e a Gloria
Pois sente-se que é grande a alma popular
Do Portugal heroico, o Portugal da historia
Que inda ressurgiu que ainda há-de voltar!

Sant'Iago de Cacem Julho de 1919

ALDA GUERREIRO MACHADO

A FOLHA DE SINES, Nº 4

1919/08/15

Os meus Primeiros Versos
A rosa e o orvalho
Num jardim cheio de felores
Estava uma altiva rosa.
Brincavam-lhe os amóres
Na pétala mimosa.

Mas uuma [sic] manhã de verão,
Um pouco húmida e fria,
O orvalho seu irmão
Veio fazer-lhe uma cortesia.

A roda de genio altivo
Repelio o imponente;
Ele como obediente
Retirou-se pensativo.

Eis que ao meio dia, Apolo
Aparece magestoso,
Queima o formoso colo
Com o seu raio fulguroso.

Ela arrependida então,
Com humildade e meiguice
Pediú desculpa ao irmão
E o seguinte lhe disse:

«Irmão orvalho perdóa
Á rosa tua irmãzinha;
A bravura da léoa
Perdóa á pobre louquinha.

Eu te quero prometer
Os afagos mais mimosos
Porque todos devem sér
Para os outros carinhosos.»

Lisboa, 31/7/1919

REGINA CHALBERTA

FOLHA DE SINES, Nº 6

1919/09/01

Secção Literaria

Bucólica

Eu sei bonitas historias
Para contar ao serão
Mas algumas são tão tristes
Que partem o coração.

Uma passada na serra,
Nunca mais eu a esqueci,
Duma pobre pastorinha
Que viveu perto de si.

No seu rostinho trigueiro
Nada havia de encantar,
Pois que os olhos negros, negros,
Como noutes sem luar.

Andava ali pela serra
Certo pastor bem novinho,
De cabeleira anelada
Ai que lindo, o pastorinho.
Nascidos ambos nos montes
Sempre juntos todo o dia
Pastorinhos como eles
Tão amigos, não havia.

E ao recolher do rebanho
Sam sorrindo a scismar...

Voltavam-se quando em quando
P'ra de longe se avistar.

Mais vai ele certo dia,
Não sei porquê, - desvario, -
Em procura d'outras terras,
Foi-se das terras, fugiu.

A pastora d'olhos negros
A chama-lo e a soluçar,
Foi de quebrada em quebrada,
Tres dias sem descançar.

Ao fim d'eles já sem força,
Á margem dum rio chegou
Meia morta de saudade
Na corrente se deitou!

E o seu rebanho sozinho
Par'cia balar de dór,
Que a pastora d'olhos negros,
Tinha morrido de amór.

ALDA GUERREIRO

Secção Literaria

Bemvidos!

Ergui-me ao romper d'alva. – Era festivo o dia
E quis trazer-vos flores.
Eu mesma fui colher enquanto ao longe ouvia
Um cantico de amóres!

Passei á beira mar;
Aspirei com prazer emanações salinas.
O sol da mocidade
Tornou mais lindo o azul das aguas cristalinas!

O Oceano, um encanto! O Além porque se aspira
E que nos faz sonhar,
Se o pensamento fére as cordas de uma lira
Em doce meditar!

Se o pensamento vóa a época distante,
Aonde o mar nos leva!...
Olhava-o desta praia o «grande navegante»
Quando banhou de luz o mar cheio de trevas!

Foi tempo que passou e o mar nos vem lembrando
Todo o dia a bater nos alvos areais...
Que ele fala connosco, a rir ou soluçando,
Na voz da calmaria ou na dos temporais!
Hoje ouvi o cantando a dar-vos boas-vindas

Murmuro festival, a revolver-se em espuma,
Arfando afadigado em ondas leves, lindas,
Bemvindos! Vem dizer as vagas uma a uma!

ALDA GUERREIRO

A FOLHA DE SINES, Nº 8
1919/10/19 e Nº 9, 1919/11/01

Secção Literaria

Adeus, A minha Terra

S.Tiago de Cacem

Eu beijei com aféto inocente
Com prazer expansivo, infantil,
Tuas flôres, roseira virente,
Meu encanto nas tardes d'Abril.

Sentinela por mim colocada,
O meu quarto zelosa a guardar,
Quantas vezes, de ti descuidada,
Te sentia nos vidros tocar!

Qual irmã desvelada que vinhas
Adoçar os meus fructos de fel,
Estendendo-me as débeis folhinhas
Me afagavas mimosa e fiel.
Mas não sei que receios eu tinha
De deixar-te... que sonhos os meus!

Ai! Quem sofre também adivinha
Eis te digo, roseira, um adeus!...

Terna amiga, leal confidente,
Tu velaste o meu sonho febril;
Escondidos d'um mundo descrente,
Tu sabias segredos aos mil.

Quando á sede me vi condenada,
Quasi morta e sem tino me vi...
Á janela cheguei desvairada...
- a agua! - ao ceu por clemencia pedi.

-Deus mandou-m'a, nas mãos foi bebida;
Mas a sede tornou a volver...

Tuas flôres me deste, querida,
Devorei-as, e poudo vencer.

Testemunha calada e sombria,
Adeus, pois nunca mais te verei;
Só tu foste leal na agonia;
Oh! Jamais esquecer poderei!! ...

Ah! O mundo me argue de ser triste
E a seu modo explica as rasões...
Adeus, guarda os segredos que ouviste
De supremas e opostas paixões!

Adeus, bosques sombrios, frondentes,
Onde mora constante frescôr,
Pitorescos subúrbios, virentes,
E colinas d'eterno verdôr;

E calcareos rochedos musgosos,
Que parecem olhar com desdém
Quem do fundo dos vales formosos
Lhes contempla a altura que tem!

Adeus, brandos regatos, orlados
De folhados em flôr e em botão;
Odorífera murta e silvados
Que se enfloram na bela estação!

Já não tens, para mim, esse encanto
Que em teu pálido rosto notei!
Tenho os olhos velados de pranto...
Que se enfloram na bela estação!

Vou deixar estas penhas gigantes
Que circundam a linda Cacem,
As campinas que vejo distantes
E os virentes pomares que tem.

E o jardim circular, tão famoso
Pela vista que tem d'encantar:
Quintas, selvas, terreno espaçoso,
E Cezimbra n'um lingo logar;

Qual nereida gentil e brilhante,
Que do mar ás caricias fugiu,
E uma gruta escolheu; mas constante
Ele firme no amor a seguiu.

Lá na frente está Sines que deve
Tem mais gloria, mais fama gozar,
Que uma honra suprema já teve
Quando ao Gama deu berço e deu lar.

E de Sines além se divisa
O oceano que o céu reproduz,
Aonde o sol se desprende da brisa
E da orbe que fica sem luz.

Vejo o altivo e remoto castelo
D'este curvo e gracioso jardim;
Vejo tudo o que tens de mais belo,
Sant'Iago ... saudade sem fim...

Venho hoje gozar esta vista...
Bem persinto... por ultima vez...
Mas, quem sabe?... talvez que resista
Aos pezares que sinto... talvez...

E, depois d'uma extensa viagem,
Talvez possa de novo encarar
Certos rostos... talvez a coragem
Condoida me venha amparar!...

Que loucura!... que sonho atrevido!...
Não sei como em regresso pensei!...
No meu peito não cabe o olvido...
O que a sorte mandar seguirei!...

O que perco?... a família?...Que horrível
É o nome que ousei proferir!...
Para os mais é sonoro, apaziguei...
Para mim...não o posso exprimir!...

Ai, silencio!... Que há frases supremas
Que dizer-te não devem jamais,
Como há situações tão extremas
Que não têm palavras nem ais!...

Fiquem pois n'um jardim odorante
Os que passam a vida a sorrir!...
Os que passam a vida sorrir martirio
constante
Devem longe o destino cumprir!

Adeus, horas de gosto inocente
Que eu passei descuidosa a cantar!...
Já não podem volver, certamente,
Nem eu posso o passado olvidar.

RITA PEREIRA DE MATOS

A FOLHA DE SINES, Nº 12

1919/12/15

Inverno

Como prantos de dôr que o ceu vinha, chorando,
Na rua, a chuva cai impertinente e fria;
É neve a desfazer-se e desce soluçando,
Emquanto o vento geme em imensa agonia.

Das lagrimas que arranca e que de quando em quando,
No tormento de fome assim, de dia a dia,
Creancitas sem lar se andam definhando,
Terá persentimento acaso, a invernia?

Os dias não têm sol, os campos alagados...
Os barquinhos de pesca, além, abandonados,
Tombaram sobre a areia ao sôpro do tufão!

Tudo no inverno é triste; as noutes não têm estrelas...
Mas nem por isso são ás vezes menos belas,
No conchego dum lar, á mêsa do serão!

S. Tiago de Cacem, Dezembro de 1919

ALDA GUERREIRO MACHADO

A FOLHA DE SINES, Nº 14

1920/01/15

Torre de osso

(versos inéditos)

Amar e ser amado que ventura

Amar ser esquecido que horror!

Há na noite uma nuvem mais escura.

Que é amar-te meu grande estupôr.

M.

Sines, 1920

Recebemos estes versos da menina M. dedicados ao menino R?

NÚMERO ESPECIAL DE 1925/01/25
A FOLHA DE SINES



Capa do número especial de *A Folha de Sines* de 25 de Janeiro de 1925, com o modelo do monumento de Vasco da Gama em destaque e o texto de Maria B.M. Camacho. Empréstimo de Mimi Baía Baía, Arquivo Municipal de Sines

Recordando um herói

Nem sempre as palavras traduzem toda a expressão do nosso sentir; por isso a minha perplexidade é grande, na escolha de termos para escrever neste tão conceituado jornal, comemorando o centenário da morte naquele audaz e vitorioso marinheiro que se chamou Vasco da Gama.

Não é a caneta simples e modesta duma estudante, como eu, que não possuindo bases, nem dotes literários, pôde com a sua prosa rude e obscura, falar do grande e imortal descobridor.

Por isso desculpe-me pois, quem ler estas mal redigidas linhas, que só o amor pela Pátria, o desejo de transmitir a profunda admiração que tenho por este herói da humanidade, e ainda o ter-me pedido alguém que não faltasse com um pequeno artigo para este numero, me dá coragem para o fazer ainda que com palavras banais e descoloridas.

Vacilo ao pegar na pena, tremendo traço estas linhas.

Qual o português, que medianamente culto, não conserve na mente o feito deste herói?!

Natural de Sines, dessa encantadora vila que fica a espreitar o Oceano, com o seu velho castelho [sic] ao meio, toda ela ufanada e orgulhosa de ser mãe de tão ilustre filho, não só ilustra as páginas da nossa história, como ainda enaltece a sua terra natal, que vaidosa, se ergue altiva, sobre a encosta, morando-se na grande massa d'agua que a rodeia.

Enquanto no torrão da nossa Pátria querida se hastear a gloriosa bandeira das Quinas, enquanto se falar a língua harmoniosa do imortal Camões, enquanto as vagas do mar baterem nas nossas praias, donde partiram as naus que levaram os nossos portugueses a descobrir novos mundos, como o teu filho; enquanto no azul do firmamento brilhar uma estrela, e nos campos, desde norte ao sul desabrochar uma flor, de maneira alguma, os teus semelhantes, os teus irmãos poderão esquecer a data dos teus feitos, a data da tua morte!

Porque a bandeira portuguesa, o estilo suave e sublime dos “Luziadas”, o marulhar das ondas, a scintilação das estrelas, o perfume inebriante das flores, teem o encanto da poesia com que se immortalizam factos e heróis no grande e mui grande poema da Patria.

Bem haja, quem não esqueça e avulte esta data que revela o genio do povo portuguez!

Bem haja, quem reconheça hoje quanta coragem e entusiasmo nos dão, os feitos dos nossos antepassados, dando-nos animo, para resistir ás tremendas lutas da existência, ás agruras que surgem no caos tormentoso da vida, aos desenganos e ás desilusões que aparecem pelo decorrer dos tempos!

MARIA B.M.CAMACHO

Navegadores!

À Patria de Vasco da Gama
Portugal, Portugal!...

-Eil-o sonhando
Empresas colossaes
Os segrêdos do oceano devassando,
Por ir “A Fé e o Imperio dilatando”
Em zonas ideaes!

Acha pequena a terra, e tenebroso
O mar em seus confins: -
Para alem desse mar bramindo iroso.
Pressente um novo mundo portentoso
Entre oiros e jardins...

Parte! Rumo ao Misterio, ás “Índias
bellas”,
De lenda e cerração:
A Cruz de Christo, é o lêmna ungingo as
vélas
Leva por guia o brilho das estrellas,
E Deus no coração!

E faz-se a luz d'um Nôvo Testamento,
N' esse feito ideal
Que á própria Gloria dá por
monumento,
O assombro eterno d'um
deslumbramento
No Imperio Oriental...

Pode o Tempo findar: - Pode um
segundo
De paroxismo astral,
Em pó de estrelas desfazer o mundo;
Quando a Alma, imortal,
No Ceu disser: “A India”, - o Ceu
profundo
Echoará: -“PORTUGAL!...”

BRANCA DE GONTA COLAÇO⁴

⁴ Escritora, poetisa e conferencista (1880-1945), filha do poeta Tomás Ribeiro (1831-1901).

Descobrimdo...

Do cabo tormento além, o que haveria?
Sempre o infinito mar em trevas envolvido?
A armada que partira, acaso voltaria?
- A galera trepava em temeroso arruído

As altas serras d'agua; e enquanto o mar bramia
Os marujos em grita. – audaz e atrevido,
No posto, o capitão, a voz austera erguia,
-Era preciso á empresa o ser obedecido.
Sofreram fome, até, e um dia finalmente
Chegou a Calecut! Após um temporal
Aportavam á India! A luz do Oriente

Vinha dourar as naus; a historia nacional
Ganhou mais um trofeu, de todos certamente
O que mais gloria trouxe ao nosso Portugal!

ALDA GUERREIRO MACHADO

N[ota da] R[edacção] Este soneto faz parte d'uma coleção em preparação.

Á Memória de Vasco da Gama

I

Ao clamoroso adeus de mil vozes presagas⁵,
Depois de ter velado em votiva capela,
Partiu Vasco da Gama em fulva⁶ caravela
A descobrir no oceano as Indianas plagas⁷.

Defronta-se-lhe o vento, acometem-no as vagas,
Quási que o temporal a fróta lhe esfacela...
Mas o Gama rasgou, venceu toda a procela⁸,
Porque levava ao leme a Cruz das cinco chagas!

-«Terra da Índia, além!», clama emfim o gageiro⁹.
A mão de Portugal mostrava ao mundo inteiro
Que pode um Portuguez vencer Adamastor!
E assim Vasco da Gama, o excelso Navegante,
N'essas regiões pagãs do mágico Levante
Para sempre firmou a cruz do Redentor!

II

Pelas asas trocando as velas seculares,
Eis os nautas do espaço olhando o glauco¹⁰ abismo...
E como outr'ora o Gama, avante de idealismo,
Novo roteiro abriu a espuma dos mares,

Os mareantes do céu despedem-se dos lares
Com as almas ardendo em pátrio fanatismo,
E voando lá vão, em frémits d'heroismo,
Nova esteira gravando entre as nuvens dos ares!

⁵ Pressaga. Pressagioso.

⁶ Alourado ou alaranjado.

⁷ País, região.

⁸ Tormenta, tempestade.

⁹ Gageiro. Marinheiro de quarto na gávea.

¹⁰ O verde claro ou azulado.

Palpitantes de fé como lendários freires,
Eis Coutinho e Cabral¹¹, e Brito Pais¹² e Beires,
Mostrando ao Universo, escrevendo na Historia

Aonde podem ir as naves lusitanas
Que nas velas de linho ou sobre as asas planas
Levam a Cruz de Cristo, - a nossa cruz de Gloria!

III

Quatro séculos há que estás no mundo etéreo,
Ó Grande Capitão, grande predestinado,
Que és da vossa Epopeia um astro venerado,
E a quem a Patria deve o seu maior império;

E só dias lá vão desde que no mistério
Dos oceanos tombou esse egrégio soldado,
Maior do que os Titans e a quem foi destinado
O espaço por domínio e o mar por cemitério...

.....
Vasco da Gama, acorda! E lá na eternidade
Ufana sentirás a tua majestade,
Porque ás regiões do Além te foi dizer Cabral:

-«Podes vibrar de orgulho, ó Grande Navegante!:
Desce os olhos á terra, e verás, radiante,
Que a raça dos heróis é eterna em Portugal!»

(Inedito) Dezembro de 1924.
BRANCA DA SILVEIRA E SILVA (GIESTA)

¹¹ Gago Coutinho e Sacadura Cabral, que em 1922 fizeram a travessia do Atlântico pelo ar.

¹² António Brito Pais, natural de Vila Nova de Milfontes, que, em 1924, com Sarmento de Beires e Manuel Gouveia, participa na viagem a Macau.

A FOLHA DE SINES, Nº 28

1925/12/15

Brados d'Alma

Minh'alma é triste, como nauta sem
tino,

A boiar nas ondas sem achar um
posto;

Minh'alma é triste, como a voz d'um
sino,

Que capindó está, no funeral d'um
morto!...

Minh'alma é triste como roxo lírio,
Que brando vento desfolhando vai!...

Minh'alma é triste, como a luz d'um
cirio!

Que borda a campa... onde jaz meu
pai!...

Minh'alma é triste, como é triste a
rosa

Quando o zefiro a vai desfolhando,

Minh'alma é triste, como a mãe

chorosa

Que do seu filho se vai apartando.

Minh'alma é triste, como passarinhi,

Que do seu ninho arrebatado vai!

Minh'alma é triste, como inocentinho

Que em verdes anos perdeu seu pai!...

Minh'alma é triste, como proscrito

Que ao longe grita: maldita sorte!...

Minh'alma é triste, como sambenito

Que justicado veste, quando vai á morte.

Minh'alma é triste, triste... não mais

Coroadada de espinhos, de lagrimas

banhada,

Minh'alma é triste... afogada em ais!!

Como gazela exangue... como luz gelada!

Sines, 1925

MARIA D. L. MANO

Saudades, de Florbela Espanca

Saudades! Sim... talvez e porque não!...

Se o nosso sonho foi tam alto e forte

Que bem pensava vê-lo até à morte

Deslumbra-me de luz o coração!

Esquecer! Para quê?... Ah, como é vão!

Que tudo isso, Amor, nos não importe.

Se ele deixou beleza que conforto

Deve-nos ser sagrado como o pão!

Quantas vezes, Amor, já te esqueci,

Para mais doidamente me lembrar,

Mais doidamente me lembrar de ti!

E quem dera que fosse sempre assim

Quanto menos quisesse recordar

Mais a saudade andasse presa a mim!

Paginas d'Ouro¹³

É fundamental êste assunto visto que a nossa civilização se baseia não na força mas na inteligência, não na rotina mas no progresso.

Todos sabem, e apregoam aos quatro ventos, que a mulher portuguesa é ignorante e fútil; que a mulher portuguesa tem todos os defeitos dos incultos, não merecendo no homem a consideração que se tem pelos iguais, mas a tolerância que se dispensa ás crianças irresponsáveis.

Coisas de *mulheres*; dizem por vezes os homens, mostrando o seu desprezo; notando-se que os que mais clamam esta superioridade são quasi sempre, os mais inferiores...

Não é isso, porém, o que nos interessa; é certo que o homem português tem tantos ou mais defeitos do que a mulher, mas se ela se transformar, facilmente o corrigirá.

A mulher, tem, em si mesma, bastantes elementos bons para se modificar, sem se queixar do homem e esperar que lhe ensine o que ele mesmo não sabe nem é de sua competencia saber.

O homem tem culpa em não elevar a mulher, em não fazer dela a sua companheira de trabalho e luctas, em temer a ilustração da mãe dos seus proprios filhos; o homem faz mal, porque rebaixando a mulher não se lembra que se rebaixa a si proprio que nasceu dela e dos seus labios escutou as primeiras lições da vida.

Mas a mulher póde reagir, póde educar-se a si mesma, póde pelo menos mostrar desejos de progredir, de se igualar ao homem pelo trabalho e pela inteligencia cultivada [sic].

A mulher falha de educação é muito mais inferior do que o homem, porque são os seus próprios defeitos que se tornam qualidades, elevadas pela cultura, encaminhadas pela educação. O que na mulher educada é espirito, e na outra

¹³ Publicado originalmente em OSÓRIO, Ana de Castro (1905). *As Mulheres Portuguesas*. Lisboa: Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso.

desconfiança; o que numa é desenvoltura e graça, é na outra descaramento; o que numa é observação é na outra bisbilhotice.

Vai-se a uma fabrica ou a uma officina, passa-se por uma rua onde ha desenhas de homens, principalmente se forem do povo, não se ouve um dito desagradavel, não se ouve um riso que moleste; mas onde estiver duas mulheres às quaes a educação não depurou os defeitos, ou cujos espíritos não estejam perfeitamente humilhados pela dependência, temos dois intoleraveis animaesinhos que ríem, falam, troça, olham miudamente com o propósito ferino de irritar e de ferir.

Por isso, tanto ou mais do que o homem necessita a mulher ser educada e ilustrada, e é, a meu vêr, por onde deve começar a remodelação duma sociedade que seja progressiva.

Educar a mulher – eis o problema máximo a desenvolver e pôr em pratica. A isso é que chamâmos feminismo, que não em pôr gravatas e colarinhos de homem, que se podem usar como prova de simplicidade ou de extravagancia, mas nunca como afirmação de opiniões.

Educar a mulher dando-lhe meios de poder auferir com o seu trabalho o suficiente para a sua sustentação – quando é só – de auxiliar o homem, esgotado pelo trabalho de sobre-posse que lhe exige a concorrência e a carestia da vida moderna, - quando casada, - parece nos a maneira mais prática de a tornar um ser livre, apta a escolher por motu-proprio o caminho a seguir directamente na vida.

Não temam os homens que a mulher instruída, por mais liberta, quebre mais facilmente os laços de conveniência com que a sociedade a prendeu. Nem sempre foram os conventos, com todas as suas grades e portarias, o mais puro exemplo da castidade feminina; ainda hoje os haréns, com todos os seus guardas e eunucos, são para o ciúme do macho bem fragil garantia...

A mulher entregue ao seu próprio discernimento fará o que a consciência esclarecida e o respeito próprio lhe ensinam, e não o que o mêdo lhe dictar.

Que mérito tem a criatura que não falta aos seus deveres porque está guardada á vista como um doido furioso?

É certo que no nosso povo está tão enraizado o habito de fazer acompanhar as mulheres como signal de grandeza, que é mais uma nobilitação do que uma prova de desconfiança.

Andar só é, ainda hoje, em muitas terras de provincia, uma vergonha para a mulher, mostrando que o marido a não préza bastante para a fazer acompanhar.

Lá diz a cantiga:

“Senhora D. Maria

O seu Dom não vale nada,

Vai á fonte, vai ao rio,

Vai á missa sem criada”.

Ir á missa sem criada seria, realmente, para as nobre damas que abrigavam em casa uma legião de serviçais – criados e filhos de criados, como outrora também os escravos trazidos das terras conquistadas a moiros e a negros – a maior prova de miséria, ou de decadência financeira.

(Continúa).

ANA DE CASTRO OSORIO

N[OTA]. R[da Redacção] – Este belo artigo, e contunados são extraídos do livro, da brilhante escritora D.Ana de Castro Osorio, *As mulheres portuguezas*. Cremos que êle agradará pelo que encerra de belo e educativo.

Paginas d'Ouro

A Instrução

(Continuação)

A vaidade da fidalguia que é, ainda hoje, um dos característicos de genio português, nesta terra em que todos se dizem filhos dalgo e se sentem com direitos de senhores para escravizar os mais pequenos, não tolerava á mulher que apparecesse em publico sem comitiva... ainda que constasse apena[s] duma pequena criadinha.

É esta fidalguinha, mal interpretada, que faz que o homem fuja ao trabalho, como á mais deprimente das servidões, refletindo-se bem claramente na educação que se tem dado, até aqui, á mulher, convencendo-a de que se inferiorisa se trabalhar para ganhar dinheiro e auxiliar o homem.

O nosso paiz ressentese dum al estar e desequilibrio que vem do conflito entre o passado que se desmorona, com todos [sic] as suas velhas ideias e preconceitos, e a presente que ainda não conquistou todos os espíritos ligados ás convenções, que já despresâmos no fundo.

A nossa geração sofre duplamente pelo embate dos sentimentos que se entrechocam em nós mesmo e nas nossas proprias famílias...

Todos apresentam as suas queixas, todos falam, mas tudo se diz no ar sem provas nem propósito firme de conhecer o mal e enveredar pelo caminho que se nos afigura melhor.

Quem quizer fazer alguma coisa entre nós é preciso revestirse duma paciencia sem limites e ter uma coragem excepcional, por isso que tem de se defrontar com a indifrença[sic] toda uma nação cançada de aventuras, exausta por um longo período de desilusão e enganos.

Tudo contribue para o desleixo físico e moral em que vivemos, desde o sol docemente enlanguecedor, até á ironia dissolvente com que se recebem todos os entusiasmos que não tenham por fim o lucro material.

E no entanto não devemos desistior da lucta, devemos pelo contrario ir juntando elementos e amontuando verdades até que a luz se patentei a todos os olhos e seja visível a todos os cérebros.

(Continua).

ANA DE CASTRO OSORIO

A FOLHA DE SINES, Nº 7

1919/10/01

Paginas d'Ouro

A Instrução

(Conclusão)

Uma das nossas maiores vergonhas nacionais é, por certo, o analfabetismo, mas o que agrava essa vergonha é que, no continente, é a grande maioria das mulheres que eleva pavorosamente a cifra dos analfabetos.

E há ainda quem lhes diga que fiquem em casa a educar os filhos, em vez de pretenderem ganhar o seu pão honestamente pelo trabalho!

Mas ensinar i quê, se elas não sabem o mais elementar, se muitas vezes nem sabem lêr e escrever!?

Dirão que só a mulher do baixo povo é tão completamente ignorante, mas o que é certo é que pequeníssimo é o numero das mulheres que, embora saibam ler, se preocupem com as questões intellectuais e possam, portanto, ser educadoras dos próprios filhos.

E todos sabem, principalmente os professores, quanto custa ensinar crianças que não tiveram a abrir-lhe o caminho da intelligencia, o cultivo amorável da família, principalmente da mãe.

Para elas tudo é novidade, desde o que seja uma montanha até ao pão que metem na bôca.

Os professores, mesmo sem querer, o fazem sentir ás crianças, e é esse sem duvida o maior castigo das mulheres ignorantes, que julgam cumprir o se dever de mães de família governando a casa e vestindo com elegancia os filhos.

Mas a triste verdade a confessar, e que é muito para meditar, é que – do milhão de portugueses que sabem lêr e escrever a sua língua, apenas um terço são mulheres!

E ainda se queixam quando se diz que a mulher no nosso paiz é inerta, ignorante e frívola.

A única superioridade admitida no nosso tempo, por mais que se queiram iludir os grandes da terra, é a da inteligência. Os mais instruídos são, evidentemente, os superiores, os fortes, seja qual fôr a sua posição.

No tempo em que o mundo se levava á espadeirada, a força física era superior á intellectual e os homens podiam tornar-se senhores pelo poder musculoso do seu braço; hoje a força física vale muito como educação e muitíssimo para produzir saudáveis criaturas, mas vale muito pouco para aferir superioridades. Aliás teríamos de acatar o moço de fretes, que péga numas poucas de arrobas como quem pega num braçado de flôres, e proclamá-lo superior nosso indiscutível chefe.

Ninguem irá buscar um hercules de feira broncamente estúpido para o comparar e achar superior ao sabio empalidecido e enfraquecido pelas vigílias do estudo.

O que falta no nosso paiz é a instrução, principalmente a instrução pratica que faz progredir um povo. Quando é preciso traçar uma linha férrea, vêm engenheiros do estrangeiro; quando necessitamos dum porto; lá estão as companhias estrangeiras; quando uma cidade quer abastecer-se de agua, lá estão os estrangeiros para lh'a fornecer; quando é preciso montar um arsenal ou uma fabrica, lá estão os especialistas estrangeiros.

Quasi tudo o que se faz no nosso paiz é praticamente dirigido por estrangeiros e estrangeiras.

Ainda destas a quantidade não é tão grande, mas lá chegaremos, e quando quisermos utilizar as nossas mulheres em muitos e variados mistéres, em que o futuro por força lhes hade entregar, já não encontraremos logares vagos.

Não nos deixemos embalar com o sonho do passado; pensemos no futuro, que é o trabalho e a educação.

Fomos há tres seculos um punhado de aventureiros que realisou a maior aventura que ainda se havia visto, e imaginamos que tudo será perdoado a quem tanto fez e a quem tão maravilhosamente o soube contar.

Mas os tempos são outros, as necessidades muito outras, e a vida já não se leva a descobrir caminhos por “mares nunca dantes navegados”.

Hoje, que o nosso pequeno planeta está visto por todos os lados, achâmo-lo pequeno e temos fome e sede de mais alguma coisa. O homem não se cança de lêr o passado nas pedras fragmentadas dos monumentos soterrados, como de procurar o futuro nos espaços faiscentes de sóes; a tudo aspira pela inteligência, tudo quer compreender e possuir.

A mulher entre nós não póde, por deficiência de educação e excessivo acanhamento, ser a útil companheira de tal homem.

Na idade-média a mulher podia esperar o marido, que ia ás aventuras fabuloss, sentada ao bastidor ou á róda de fiar, tecendo com as suas criadas fôa fiada. Ignorante e passiva, era a digna esposa do senhor brutal que só conhecia o direito da força.

No seculo XX a mulher tem de ser outra, porque outro é também o homem e muito diferente o seu ideal.

Educar a mãe para ser a educadora dos filhos; educar a mulher em geral para viver de si mesma, e para si, quando pertença á enorme legião das que ficam solteiras e portanto, - sem filhos a educar nem casa a governar, deve ser um dos nosso mais porfiados empenhos.

É este o verdadeiro feminismo.

ANA DE CASTRO OSORIO

A FOLHA DE SINES, Nº 8

1919/10/19

A Miséria do Povo¹⁴

É incontestável que um certo movimento altruísta se propaga pelo paiz – secundando, ainda que frouxamente, o que nos outros se faz – em favor dos pobres, principalmente da mulher e da criança.

Uma grande revolução se está preparando, e, como todas as grandes revoluções que teem transformado as sociedades, começa por revolucionar almas, formando um núcleo de espiritos que, pelo bem dos outros se sacrificam sem esperar pagas nem incnetivos d egrosseiros interesses.

O mundo antigo, cheio de perconceitos [sic] e de injustiças, sente-se derruir, sem bases seguras onde se apoiar – esfacela-se lentamente até uma derrocada ingloria e completa.

A pouco e pouco, aqui e eli algumas boas obras de solidariedade humana teem surgido da iniciativa particular, sem que os governos tenham sequer suspeitado da sua existencia.

E bom é que assim sêja, porque só a iniciativa particular, persistente, honesta nos seus processos, sem charlatanismos officiaes nem interesses politicos a desprestigiá la, pode fazer mais em poucos mêzes do que cincoenta anos dos embaraçantes processos de todos os governos.

É dela que tudo há a esperar, é da acção especial dos governados que confiâmos, pois que dos governantes pouco ou nada pode vir neste sentido, nem é justo, verdade sêja que deles se espere tudo, como se um povo não fosse mais do que ingenuo e eterno beébé sugando a mamadeira que lhe apresenta a criadora.

Tudo esperar do poder central é mostrar que nada podemos individualmente, ou que estamos satsfeitos [sic] com o pouco que nos concedem.

Ora a verdade é que ninguém está satisfeito, porque n'unca se viu situação mais desoladora, vida mais atropelada e miseravel.

D. ANA DE CASTRO OSORIO.

¹⁴Publicado originalmente em OSÓRIO, Ana de Castro (1905).
As Mulheres Portuguesas.
Lisboa: Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso.

A FOLHA DE SINES, N^o9

1919/11/01

A Miséria do Povo

(Continuação do numero anterior)

É o nosso paiz aquele em que mais caro se come, se veste, se viaja, e se tem morada; e aquele em que menos se ganha, salvo pequenas excepções, que é facil apontar. De dia para dia os generos de primeira necessidade duplicam e triplicam de custo.

Não há nada, desde o pão até á luz; que se não compre por alto preço; nada que não custe ao pobre incomportaveis amarguras e suores. É por isso que não há paiz nenhum em que a tísica, a anemia e a escrofulose tenha mais lauto banquete.

Fez se, é certo, uma liga contra a tuberculose, patrocinada pelos governos, auxiliada por contribuições obrigatorias na capital, reclamada pêlas mil tubas sonoras do jornalismo palaciano.

Não houve pena de escritor, consagrado pelas gazetas, que se não puzesse ao serviço da bioa causa; não houve paladino que não quizesse descer á liça a romper lanças pelo triunfo da ideia que, partindo modesta e util de baixo, serviu depois muito interesse, deu aso a muita turiferação.

E no fim de tanto barulho, tanto elogio, o que ganhou de positivo e immediato o povo portuguez, na sua grande massa?!

-Come porventura mais barato?

- Tem casas higienicas, onde se abrigue por modicos preços?

-Tem hospitais para todos os seus doentes?

- Asilos para todos os seus velhos?

-Sanatorios para todos os seus escrofulosos e tísicos?

-Escolas para todos os seus filhos?

Nada disso tem, nada disso lhe deram ainda, apesar de tanto que se tem apregoado os beneficios duma liga, que pode ser simpatica como esmola particular e arbitraria duma ou mais pessoas, fazendo pouco porque mesquinhos são os seus

recursos, mas que se não deve querer fazer passar por medidas de salvação publica...

Todos reconhecem ser pouco o que se tem feito, tão pouco que se torna inutil, para debelar um mal que vem da ruina dum povo e duma sociedade sem orientação; dum mal que está no sangue e no espirito que ameaça assoberbar tudo e todos.

ANA DE CASTRO OSORIO.

(Continúa).

A FOLHA DE SINES N^o10

1919/11/15

A Miséria do Povo

(Continuação)

São incontáveis os escrofulosos, tísicos, anémicos e depauperados na classe pobre. As mulheres definham e morrem como flores criadas em terra magra, sem ar nem luz; as crianças arqueiam os pobres arcaboços onde mal se desenvolvem pulmões predispostos á recetividade do microbio hostil; os homens avelhentam-se e enlivedecem, numa aparante [sic] senilidade aos vinte ou trinta anos.

E tudo porquê?!

Porque a vida é terrivelmente cara em Portugal, e a maior parte da gente não come o que necessita, vive em verdadeiras possilgas, não é preservada do contagio das molestias que a rodeia, não é iniciada nas mais rudimentares regras de higiene, não é educada de modo a preferir a limentação e o conforto das casas ao luxo do trajar e demais exteriorisações vistosas.

O caminho a seguir por quem quizesse e pudesse remediar tanto mal, se limitaria a fundar sanatorios onde se gastam muitos contos de reis e se abrigam, por empenhos, umas dezenas de crianças – umas predispostas apenas.

Para essas; memso, o bem não é grande e, principalmente, não é duradoiro. Melhoradas pela higiene, pela alimentação e pelos simples remedios reconstituintes, voltam desse conforto e abundancia para a antiga e triste miseria

das suas casas, tendo por destino a fatal renovação da doença, logo que deixe de ser combatida, e será agravada com o desespero de se vêrem privadas do bem a que já se haviam gostosamente e metodicamente habituado.

O primeiro passo a dar, para melhorar esta situação angustiosa, seria: - fazer baratear os generos alimenticios de primeira necessidade; estabelecer e auxiliar cooperativas; reduzir os impostos de consumo, que incidem principalmente sobre o pobre que compra a retalho, d emodo a que todos pudessem comer quanto é necessario para alimentar uma vida saudavel.

Seria iniciar o sistema de cooperativas edificadoras, tão usado lá fóra; euxiliar grandes companhias que se propozessem dar casas higienicas e espaçosas por módico preço, aos pobres que não podem continuar a viver como hoje vivem em antros infectos e caros.

É mais do que tudo urgente acabar com a exploração dos senhorios que exigem por casas pessimas loucas exorbitancias extorquidas asperamente á economia da familia pobre.

Continúa.

ANA DE CASTRO OSORIO.

**A Miséria do Povo
(CONTINUAÇÃO)**

Ter o seu lar, a sua casa, onde cada prego representa um esforço de vontade e uma consolação de posse; a casa para onde entram os noiveos com a alma florida de esperanças, onde nascem os filhos e se podem abrigar os velhos pais doentes; a casa onde põe todo o seu amôr o operario laborioso, que nas horas vagas cultiva no jardim os cravos e as rosas singelas, planta as hortaliças e levanta a parreira amiga que lhe dá a sombra e o vinho; acasa que a mulher limpa e adrona [sic] com esmero, porque é a sua, a companheira e amiga d etodas as horas; a casa familiar, que deixa de ser uma coisa inanimada e indiferente para se tornar no grande sonho abençoado dos que vão para longe, e dos que ficam abrigados á sua dôce sombra; é para o trabalhador portuguez uma ambição tão desmedida, que poucos a chegam a realizar. É desta indiferença do povo que não vive consigo nem se sabe recolher ao interior da sua habitação, ao seu lar, tornado o seu pequeno e querido universo, que não se identifica com as suas coisas e não lhes toma amor, é deste viver disperso de povo meridional, que vive do ar e do sol, e num dia de passeata alegre pelos campos encontra compensação para todas as suas misérias; que o senhorio tem abusado elevando disfarçadamente, cada semestre um pouco, as rendas – que são hoje um verdadeiro crime social.

Se fossem precisos exemplos para afirmar uma coisa que toda a fgente sabe, Setubal seria, para tudo quanto dizemos, um dos mais flagrantes.

Dotada com um luxuoso sanatorio, nem por isso a doença e a miséria a poupam mais.

A grande miséria da população (de vinte e tres mil habitantes) é composta por operarios, dum e doutro sexo, que trabalham nas fabricas de conserva de peixe, de pescadores e de gente de medianos recursos.

Com a fluencia de trabalhadores de fóra as moradias têm subido a tal preço que uma só familia não tem recursos para as pagar, acumulando-se duas e tres em

antigos predios insalubres, dentro de ruas estreitas e nauseabundas, inde mal entram; o ar e o sol – os grandes purificadores. Há casas, se tal nome merecem, onde se não pode andar de cabeça erguida, sob pena de a partir no tecto, e onde a escuridão é quasi absoluta.

Miseraveis velhinhas pedindo pelas portas para pagarem “um escudo” mensais [sic] pelo abrigo duma barraca forrada de folha de flandres ferrugenta despresada pelo fabico de conservas.

(Continua).

ANA DE CASTRO OSORIO.

A Miseria do Povo

(CONTINUAÇÃO)

Não há muitos invernos que numa barraca alugada pelo mesmo preço exorbitante a uma família de pescadores, choveu tanto, em noite de temporal, que o marido e a mulher tiveram de abrigar-se sob um chapéu de chuva, metendo os filhos debaixo da cama para não ficarem completamente encharcados.

Chega a dar vontade de rir, mas do riso que é de lágrimas e de amarguradas censuras tecido; o mesmo riso que se nos esboça numa lástima vendo uma criança deslocar-se em acrobáticos de circo.

Quantas gerações de miseria e servidão produziram a indiferença resignada com que se sofre uma existência de tais alegrias entrestecida. Depois, se numa destas habitações se dá um caso de doença contagiosa, vem a policia, a pretexto de desinfeção, rouba aos pobres a sua única cobertura, queima-lhe a única enxerga, despedaça-lhe a pouca loiça, borrifando paredes, sobrados e móveis com sublimado corrosivo!...

Urgente seria organizar a fiscalização sanitaria, de modo que a desinfeção fosse uma coisa séria e prática e não um vexame ou um ridículo como é, - méra providencia policial quando se tóca a rebate numa ameaça de epidemia.

O que faz então a pobre victima destas providencias policiaes? Para não ficar mais desnudado do que antes, arrecada, esconde tud[o] quanto serviu aos doentes, não sabemdo – na sua extrema ignorancia e desoladora miseria – que arrecada sofregamente a morte, que não para nem descança de trabalhar nesse fértil campo.

Não seria pratico, simples, justo, e até quasi nada dispendioso, que nos próprios hospitais se montassem estufas de desinfeção para as roupas de todos os doentes e de todos os que morrem de moléstias contagiosas; e que a policia se encarregaria de fazer conduzir ali, para essas roupas serem reentregues quando já não constituíssem um perigo para os seus possuidores ?!

E se ainda os males fossem só estes! Mas a juntar a tantas desgraças que podemos chamar materiaes, há outras e outras que se prendem de perto com as obrigações moraes dos dirigentes e dos educadores.

Ha, por exemplo, quem fiscalise as condições em que se realiza o trabalho das mulheres e dos menores?

A lei que o regularisa é letra morta, e uns e outros trabalham nas peores condições higiénicas e em todos os tempos e horas, inferiorizando-se fisicamente, deformando e apeando cada vez mais a nossa raça que foi bela e fórte.

(Continúa)¹⁵.

ANA DE CASTRO OSORIO.

¹⁵ Não se conservaram os números em que o artigo se concluía.

PROSA

FOLHA DE SINES, Nº 24

1925/09/25

Cartas Femininas

Carta de longe

Minha Amiga

Pedes-me que te escreva, que te fale de Lisboa e pões nas tuas palavras tanto entusiasmo que me causa tristeza, pois por elas vejo que a cidade de mármore e granito encerra todo o teu sonho de felicidade.

Pobre louca que vives no Paraíso e fechas os olhos para o não veres, preferindo sonhar delícias, sentindo-te arrastada para o desconhecido!

A Capital é bonita, sim, mas aqui tudo ou quase tudo é aparente, efémero, começando nos tons da pele e terminando nas amizades.

Se soubesses as saudades que me ficaram do pouco tempo que passámos juntas e como desejava que a minha vida decorresse e os meus dias terminassem n'essa povoaçãozinha que adoro!

Como é linda a tua terra e como eu me sentiria orgulhosa se n'ela tivesse nascido!

Com a sua Egrejinha tão histórica que as mais pequeninas pedras nos falam da grandeza da nossa Patria, da gloria dos nossos antepassados e onde insensivelmente nos vergam os joelhos, os lábios murmuram a oração e o pensamento se eleva a Deus!

Qual dama em seu castelo debruçada escutando o trovador, assim está a tua terra tendo a seus pés o mar que ora amoroso e cheio de voluptuosidade lhe murmura baixinho os mais ternos segredos d'amor, ora ameaçador e terrível – mas sempre belose revolta como apaixonado que não veja correspondido o seu afecto.

É bela a tua terra! Tem os encantos de que a natureza a dotou e que o artífice não pode imitar.

Não sejas ingrata querendo-a trocar por outra onde nos primeiros dias te sentirias aturdida, depois feliz, mas satisfeita a tua curiosidade, bem profundos seriam os espinhos que a saudade gravaria no teu pobre coração.

¹⁶ Embiocada

Corre aos rochedos onde eu ás tardes me ia sentar e diz ao mar que lhe conservo a gratidão pelo prazer espiritual que me causou durante os dias sucessivos que o ia contemplar e não invejes a vida citadina da

Tua do coração,

MORITHA

A FOLHA DE SINES, N^o 25

1925/09/13

Cartas de Famy

Minha amiga: -Eis *A Folha de Sines* – eis-me volvida mulher de letras.

Foi na primeira publicação d'este pequeno jornal que iniciei a minha carreira literária – não te rias- dando á publicidade o que poderia ser muito particularmente comunicado entre nós ambas. E pena é que as tuas missivas não me autorisem a publica-las.

Crê. Gostaria de submeter ao publico *ledor* esses mimos de prosa. Sim, minha boa Mimi, é difícil hoje encontrar uma mulher sobria como tu. Eu converti-me. A moda hoje para mim é tudo! Há lá nada melhor que uma mulher saber atrair os olhares masculinos? Oh! Boa Mimi, se não fosse a arte de emoldurarmos o rosto nos bandós do nosso setinoso cabelo, comprimir o corpo d'um apertado vestido a traçar-nos as formas esbeltas, as mangas reduzidas, para a exhibição dos invejados braços, um decote nem pouco nem muito discreto, o que seria a mulher?

Eu d'antes julgava todos estes atavios uma tola leviandade, uma pernicioso educação. Hoje reconheço- uma necessidade.

Que dirias tu se passasse por ti, n'um baile, na rua, n'uma praia, uma formosura de dezoito anos, incrustada nos folhos do seculo XVIII, embiveada¹⁶, como no-las descreve Julio Dantas? Rias-te?

Acha-la-hias *démodé* retrograda, julgarias mesmo uma figura descolada d'esses quadros antigos que ornamentam vetustos salões, ou se arquivam nos museus.

A sociedade tem evoluçionado, aperfeiçoando a civilização.

Vê pois que tenho razão em chamar *necessidade* á futilidade da moda.

Ela é o fruto da civilização. Eis porque me convertir sendo hoje uma adepta desse culto.

E não te masso hoje mais, porque me espera o modista para me provar o ultimo tailleur.

Beija-te a tua Famy

Sines . julho, 925 [sic]

N[ota] da R[edacção] – Famy é o pseudónimo duma ilustre senhora sineense que assim modestamente oculta o seu nome de escritora distinta.

FOLHA DE SINES, Nº 29
1 DE SETEMBRO DE 1926

Carta de Fany

Querida amiguinha

Só ainda decorreram quinze dias após a tua saída de Sines, e sinto já saudades da tua bela companhia. Veio suavizar-me porém, a tua carta toda rescendente de perfume suave de uma alma sã e carinhosa. Os teus conceitos sobre a mulher moderna, são sentenças moraes muito para se ponderar. Mas... não sejamos tão más. Se por educação ou por condição especial não nos adaptamos ao modernismo, permitamos liberdade ás nossas semelhantes que usem a moda ao rigor.

Como te disse anteriormente, estou adepta ao modernismo. Aceito como bem intencionadas as tuas teorias, mas, sem ser fanática, presto o meu culto ao modernismo... moderado.

Há maneira de nos contentarmos todas. Eu por exemplo, detesto o cabelo cortado *á mariola* ¹⁷ (ou *garçonne*, que é mais chic), por motivos que acho lógicos.

Sim, uma mulher formosa, com a sua longa trança de cabelos de ouro. A refulgor ao sol em revérberos de alvoradas, ou negros como *azeviche*, assetinados, teem o poder, além realçar a beleza do rosto, de servirem os caprichos da arte de pentear... e sobretudo, ser inspiração de poetas.

Hoje, a uma apaixonada, de cabelos á garoto da rua, não pode o seu trovador cantar:

Nas tranças do teu cabelo...

Porque as tranças levou-as o cabeleireiro para d'elas fazer os bem penteados chinós¹⁸. E quem sabe quantas vezes creaturas que se detéstam, os cabelos serão irmãos!

Só a ideia de que da minha trança, algum homem que eu detestásse, poderia usar um reluzente chinó, eu estremeço, e mais me enlevo quando, ao cristal do meu novo espelho as componho em modesto penteado.

¹⁷ Moço de fretes

¹⁸ Cabeleira postiça

Do decóte não te falo assim, pois não o acho abolível. A nudez discreta, da parte do nosso colo e dos braços formosos, imperam nos homens como o domínio da atração, nem só por revelarmos a carne fina e tentadora como a estética de linhas correctas.

O Pápa repéle dos templos as mulheres decótadas. Não o louvo. Como afronta á moral e imponderável essa razão. Jesus Cristo, o Redentor do Mundo, lá estás nesses templos, crucificado nú, e lá se tem conservado sem que os padres lhe lancem qualquer cobertura pelos braços da cruz, e sem que o Pápa o mande *vestir*.

A moda portanto é aceitável, desde que não atente contra os dons naturaes da mulher, e que se mostre aos olhos avidos do sexo forte, a carne fina sem mácula de pintura. E sobretudo respeitar a integridade das tranças. Quantas vezes a elas se prendem como insectos n'uma teia, homens que se presumem inconquistáveis.

Conserva pois, as tuas tranças, mas não estilizes a moda.

Beija-te nas lindas faces, a tua amiga.

FANY.

Carta de Fany

Boa Mimi

Ainda não cortaste os teus cabelos á *garçonne*. Folgo bastante.

Mas oxalá não tenhas feito como algumas pequenas minhas amigas, que pela relutância dos papas não os teem já sacrificado á bárbara tesoura, mas que os acomodam n'um penteado de imitação. Não sei se te diga qua ainda detesto mais esta imitação. Sim. Depois da falsificação das notas de 500\$00, as mulheres *falsificarem* os penteados, dá esse penteado uma aprenia de burla... Para o sexo forte.

O ca o é que no baile [sic] da «Caninha» em noite de Ano Bom, já lá apareceram muitas meninas nossas conhecidas com os cabelos enrolados por cima da *nuca* a fingir que eram cortados.

E já que te falei do baile, despreso os penteados para te dar uma pálida ideia do que foi essa festa.

Constou ela, a festa, de um sarau literário-musical-dançante.

Da parte I teraria [sic] constava uma coleção de monólogos, com um pequeno travosinho quasi todos, bem recitados alguns, e muito massadores todos. A parte musical compunha-se de musicas clássicas, executadas a piano e violino, com correção, e talvez com mais gosto do que técnica.

A parte dançante constou de *fox-trots*, *one steps* e valsas.

A assistencia compunha-se d'uma arrumação de gente que parecia estar muito aborrecida. Nas filas de cadeiras da retaguarda as nossas mamãs, titis, que não dançam, e conversam para não dormir; depois nós, as novas dançamos e as que estão sempre á espera de dançarem a primeira vez, sem que nenhum cavalheiro tenha a gentileza de as ir convidar a dar uns passos de dança, entremeiadas com um pouco da sua conversa banal e seu espirito: - Vossa Excelencia dança bem. O baile está animado.» Hoje estive um lindo dia.

E na casa contigua, de chão de tijolo, os homens que conversam e fumam, os que fumam e não conversam, os que não fazem nem uma nem outra coisa, e os

Ai! Mimi! O que são estes bailes da «Caninha». Simplesmente fastiendos. Musica não há, que chegue para se dançar até de madrugada, como vocês, nesse belo Alentejo, costumam fazer. Só vocês teem o condão de animar esta sala, de tecto de lona podre a esgacelar, nos meses que nos visitam. São para nós como as andorinhas que na primavera nos trassem um pouco da sua comunicativa alegria. Fora d'essa época buliçosa e alegre, em que vocês n'uma sã familiaridade connosco, e com os rapazes de cá, e do seu Alentejo, preparam *pic-nics*, bailes e jogos de prendas [sic], o nosso viver é quasi monástico.

E sabes tu, Mimi, de tudo isto o que mais me enerva? É os rapazes, e as raparigas atribuírem-se a culpa reciprocamente. Todos querem a razão para seu lado.

Mas como isto não é assunto que mereça tanto como o que já escrevi, este assunto da dança, passo a dar-te as minhas impressões da parte musical.

Não gostei. Admiras te?

Que me importa o nome estrondoso ou suave das partituras, o valor dos seus compositores?

Então tu julgas que aprecio a musica so pelo que ela tem de tecnico na composição ou na execução? São para mim motivos secundários.

Não me conformo com a razão de ser boa a musica que se não entende sem a cursarmos. É para mim o mesmo que ouvir falar uma língua estrangeira... sem a ter estudado.

Gosto muito mais da musica popular, simples, sem autor conhecido, mas que nos faz sismar, que nos entenece, porque é de certo o coração o seu compositor.

Entre um sólo de violino, e um d'esses cantos alentejanos, lentos, cantados em côro, á volta da ceifa, não êxito – prefiro o ultimo.

E por hoje prefiro beijar-te

Sines 9/1/926

Tua

FANY

Carta de longe

Minha amiga:

Eis-me novamente na cidade que tu adoras e eu abomino.

Foi com verdadeiro alvoroço que, quando no verão a abandonei ouvi anunciar o dia da partida.

Partir! Quantas esperanças, quantos anseios mal contidos esta palavra encerra quando se trata de nos afastarmos dos indiferentes e afagamos a ideia de em breve ver e abraçar os entes para quem a nossa alma vôa, saciar a vista em panoramas pelos quais ela a pobrezinha andava saudosa!

A viagem é longa, desconfortável?

Que importa?! Não se pensa na distancia nem tampouco na falta de comodidades, porque, para nos compensar, a cada curva da estrada os nossos olhos se alegram avistando um ponto já conhecido e, lá ao longe, a alegria nos espera ao deparar-se-nos as primeiras casas, todas branquinhas, caiadas de fresco, tão belas na sua simplicidade.

Chegamos enfim: A brisa refresca-me as faces, vem acariciar-me brandamente como que a dar-me as boas vindas e eu aspiro sofregamente esse ar puro e fresco que me satisfaz, que me dá forças e vida.

Passaram-se os dias, voaram as horas. – que o tempo corre ledado quando nos sentimos felizes – e de novo a meu lado se marcou a partida.

Partir! Que triste entoação teve então para mim essa palavra e que diferença tão grande produziu no meu espirito!

Há um mez alegre e buliçoso me pareceu a sua toada, que nesse dia soou triste como um dobre de finados.

Pensaste alguma vez, minha Amiga, na crueldade que esta palavra encerra quando se deixa os entes para quem nos sentimos atraídas por essa força misteriosa que se chama Amizade, quando se desvia a vista de panoramas pelos quais ela a pobrezinha ficará saudosa?

É tão pungente o Adeus de despedida que por felizes se podem considerar

aqueles que nunca o disseram.

Caía a noite com o seu manto de tristeza quando eu parti, triste também, trazendo por companheiras, além das minhas recordações uma grande saudade que os encantos da tua linda terra em meu peito fizeram desabrochar e que conservo com especial carinho.

Mas, falando-te de mim afastei-me dum assunto que desejava abordar.

Teve eco em meu peito um artigo publicado na Folha de Sines intitulado “Natal”¹⁹.

Ignoro quem seja o seu autor; o que porem te posso afirmar é que, na minha humilde opinião teem as suas frases justificadíssima razão.

As creanças ricas ou obres teem todos os seus sonhos juvenis, com uma diferença apenas: - e bem considerável ela é! – As primeiras verem-nos realizados assim que os manifestam, ao passo que as outras, as desditosas que tão cedo conhecem os espinhos da vida, muitas vezes nem uma fatia de pão com que mitigar a fome, quanto mais o brinquedo que os seus olhitos ávidos haviam contemplado com cubiça e do qual em sonhos e só em sonhos se julgam possuidoras.

Mas porque não has-de tu, minha querida, reunir todas as tuas Amigas e juntas combinarem cotizarem-se durante o corrente ano para que Sines em 1926 á semelhança do que se faz nas cidades e já em muitas vilas, tenha também o Natal dos pobrezinhos?

Gasta-se tanto dinheiro supérfluamente!

Uma pequena quota todos os meses e no fim do ano o velho Natal não teria quem lhe chamasse impio.

Em compensação, como tu e as tuas amiguinhas se sentiriam ditosas nesse dia ao constatarem a felicidade que o seu pequenino esforço tinha causado a esses infelizes desprotegidos da sorte, e, como recordariam o enlevado sorriso com que os pobres inocentes agradeceriam a vossa generosa acção!

É tão agradável contribuirmos para a felicidade dos nossos semelhantes!

Exponho-te a ideia, se a aproveitares conta também com a

Tua do coração

MORITHA

¹⁹ Texto anónimo publicado no número 29 d'A *Folha de Sines*, de 1 de Janeiro de 1926.

Carta de Fany

Amiguinha:

Mais um carnaval nos bate á porta. Mais uma quadra em que se permitem certas liberdades de linguagem que n'outra ocasião senão prova de falta de polidez. Risos forçados pela sensaboria de ditos sem chiste, exhibições desengraçadas de mascaras sem arte e sem gosto – é por certo o que será o Carnaval este ano. E para o ano será o mesmo. Pois se a humanidade anda sempre mascarada, para que vem cá o Carnaval?

Não bastaria toda a intrujice que andamos a vida inteira a fazer mutuamente?

Quanto seria interessante se tu pudesses desafivelar a mascara a esses rapazes que teem passado por ti como galanteadores!

Aquele que na praia, este ano, te dirigiu amabilidades, que se curvava reverente, quasi até ao chão, mostrando-se dócil e submisso, seria o teu carrasco se chegasses a ser a sua mulher. Por uma das irmãs eu sei quanto é impertinente e mau, em sua casa.

Aquel'outro, que para te merecer elogios e reparares n'ele com interesse gastava perdulariamente, nunca distribue uma esmola, e é egoísta em alto grau.

Oh! Se nós, as mulheres, desafivelássemos essas mascaras dos homens que nos galanteiam, quanto nos divertiríamos com o seu tipo ridículo... ao natural!

- Passo a dar-te uma novidade – a minha terra é fértil em novidades – que não sei como a receberás: Fui convidada há poucos dias para um baile n'uma nova sociedade há pouco organizada – a minha terra também é fértil em sociedades... com pouca sociabilidade – e que segundo me informaram é n'aquela casa próxima d'onde moraram as tuas amigas Sevinates na passada época.

Porem, por não ter havido uma noite capaz, o baile não se realisou, o que me deixou penalizada. Admiras-te que mostre tanto interesse por uma diversão que, poucas vezes me interessa? É que este baile devia ser deveras interessante, pois seria a primeira vez que assistiria a um baile ao som de órgão.

Ainda ficas mais admirada?

Não duvides. O órgão que na minha igreja, em tempos idos, nos dias de solenidades religiosas, fazia enternecer-nos a alma, com o som melodioso das musicas

sagradas, foi levado para essa sociedade. Vê tu que sacrificio!

Aquele instrumento que do côro da igreja disferia a sua voz de envolta com o perfume suave do incenso, e que nos penetrava até o coração e a cujos sons nós juntávamos o murmúrio das preces e orações, está á espera do primeiro baile para animar com o gemido das suas notas as danças lascivas que hoje se usam, e deixar misturar a sua musica com o sorriso hipócrita dos homens e com os seus segredos mentirosos, que nada teem de divino.

E agora até que possa dar-te outra novidade.

Um beijo da tua

FANY.

Sines, 28-1-926

1930/02/06

Fany

Desta nossa ilustre colaboradora – distinta conterrânea que por modéstia se encobre sob aquele pseudónimo – recebemos a carta que a seguir publicamos. Lamentamos não poder dar aos nossos leitores o prazer da leitura das “Cartas da Fany”, com que esta senhora honrara as nossas colunas. Ela la sabe as suas razões.

“Exmo. Sr. Director de “A Folha de Sines”

É bastante cativante a carta que me dirige, a participar o reaparecimento do simpático jornal. E convidando-me a retomar a colaboração que há tempos lhe dava com as minhas cartas.

Felicito-o, e aos seus companheiros pela bela ideia de fazerem ressurgir “A Folha de Sines”, e agradeço V. Ex^a ter-se lembrado de mim novamente. Essa sua amabilidade envaidece-me demasiado, e se fosse a tomar a sério o que me diz, teria de lhe ralhar, porque o meu ilustre director exagera os meus méritos literários. Mas desculpo-o por ver que, se tanto me lisonjeia, é no desejo de me demover do propósito em que estou de não me dedicar já a escrever cartas literárias. Sabe V. Ex^a pela conversa que eu tive com a minha amiga M.L., tomei conhecimento da impressão desagradável que em algumas pessoas de minhas relações causou uma das minhas despreziosas fantasias.

E se bem que intimamente me sorrisse por ver o meu Ex.mo Director arcar com as honras do meu pseudónimo, desgostei-me por ver que foram demasiado injustos para com o senhor. Poderia desvendar esse mistério dizendo quem sou. Mas encanta-me tanto a confusão d'este enigma, que continuo a assinar-me com muita consideração e respeito.

De V. Ex^o V.ra [sic]

FANY.

Sines 10 de Janeiro de 1930

Cartas de Fany

Minha boa amiga

Interrompo hoje o estilo habitual das minhas cartas, para dar lugar a uma epistola de mão desconhecida. E has-de permitir-me uma leves considerações. Ei-la:

“Explico-lhe o que significa esta fita que lhe mando ela vai em nome de S. Antonio e com virtude sua uma vez cumprida a obrigação que encerra proporcionar-lhe-há um companheiro dedicado e leal para toda a vida. Deve comprar um metro de fita dividi-la em 4 bocados iguais e na terça-feira seguinte a ter recebido esta deve mandar uma copia a uma rapariga solteira, e com o bocado que mando dará um nó a meu pedido e primeiro que dê um nó deve escrever na fita a seguir a S. Antonio estas letras p.m.f.c.m.m e fará então o nó a meu pedido. Nas terças feiras seguintes fará as mesmas cousas de modo que na 4ª terça feira terá mandado os 4 bocados da fita com as devidas copias e terá escrito essas letras a seguir e S. Antonio e terá dados os 4 nós na fita que mando. Consta-me que S. Antonio castigou severamente uma rapariga que não cumpriu esta obrigação. Sabe como? Deu-lhe um noivo como há poucos e quando ela estava certa da conquista outra roubou-lho casando com ela em menos e três meses, esta tinha cumprido a simpatia com fé.

Siga este exemplo e será feliz. Quando fizer isto deve assinar o seu nome todo do mesmo modo que eu faço” (Não revelo o nome, por não melindrar a signatária).

Tu desculpa que os meus comentários vão ferir um pouco a tua susceptibilidade religiosa, mas has-de concordar que não é por certo a via mais directa e cristã para se chegar ao himeneu, este dos nós e da fita de Santo António!

Sorri, mas compungidamente, ao ler uma tão infeliz lenga-lenga, por constatar que a ignorância da mulher portuguesa a torna um inconsciente instrumento manejado pelos exploradores da sua irrefletida credence. É bem triste ver-se que a mulher do nosso país, em vez de conquistar uma relativa liberdade, é um eterno autómato sem cabeça para pensar, sem um cérebro limpo de falsas doutrinas. Que haja fé, crença na verdadeira doutrina cristã, admito; mas que o fanatismo e a superstição tornem a mulher um ente inferior, por falta de consciência é absurdo. Como pode ser

boa filha, boa esposa, boa mãe, a mulher que por errada educação religiosa exagera essa doutrina, e se prende demasiado ao imaterial, ao hipotético, desprezando muitas vezes os verdadeiros princípios de humanidade, de são cristianismo?

Esta carta, que me revela Santo Antonio gerente duma *empresa de colocação de noivas disponíveis*, mediante um metro de fita e quatro nós, tem para mim uma insuficiência: não revela a idade da sua autora, nem diz se o Santo para operar o milagre exige certidão de idade. É possível que ele seja tolerante, e o milagre seja extensivo ás *juvens* casadoiras de mais de trinta anos. Sendo assim, e sendo eficaz a execução da *simpatia* muito certo é eu ver os estabelecimentos de Sines em sérias dificuldades para abastecer as pretendentes a noivar, com a necessária metragem de *fita*.

E has-de concordar que isto é uma grande fita.

Beija-te as mimosas faces a tua

FANY.

Sines-Maio-930

O engeitado

Nascêra lindo o dia, naquela manhã primaveril.

O sol, dardejando sobre os campos os ardentíssimos raios, prodigalizava sobre as cousas, uma benéfica paz que tudo envolvia.

Ao longe, um rebanho pastava, e naquela manhã linda de Maio, sob um céu de um azul sem nuvens, apenas a monotonia era quebrada, pelo ruído que fazia ao despenharem se, as aguas duma ribeira que perto corria.

Junto desta, e sentado numa pedra está o “Engeitado”.

Era tão curta e triste a sua história!...

Nesse instante lembrára ele a sua infância, - se é que a tivera, - e comparava-a mentalmente, á de outros bem mais felizes do que ele.

Nunca conhecera os pais, e a boa mulher que um dia, quando muito pequenino, o encontrára á beira duma estrada, finára-se há muito ao cair das folhas dum triste outono.

De então para cá, a sua atribulada vida decorrera agitadíssima, dormindo hoje aqui, ámanhã acolá, e comendo o que a caridade compadecida lhe não recusava.

Um dia, pareceu mudar-se favoravelmente a sua vida; um lavrador contratou-o para criado.

De então para cá, sentia-se quasi feliz, por o negro pão que comia, saber que o não devia á caridade publica.

Era feliz a seu modo...Surgiu-lhe porem inesperadamente na sua vida uma nuvem negra.

Amou como se ama uma só vez na vida uma filha do lavrador.

A sua natureza virgem de afectos, encontrou nesse amor, uma espécie de barca de salvação, á qual o náufrago se segura desesperadamente, na suprema ancia de viver.

Era sem esperança esse amor, mas o “Engeitado” andára alheiado de tudo, vivia numa embriaguez de sentidos que nem sabia dissimular.

Extranhou-o o lavrador, espitou-o, e facilmente, porque o amor não se esconde, soube que ele amáva a filha.

Expulsou-o de casa, proibindo-lhe expressamente de tornar a ela, e

chamando-lhe coo afrontosa humilhação: “Engeitado” que nem sabia de quem era filho.

Era relembrando os ultrajes que lhe infligiram nesse dia os pais daquela que adorava, que o “Engeitado” soluçava ali a dois passos da ribeira que o tentava.

Subitamente ergue-se. Pode ler-se-lhe no olhar uma resolução desesperada.

Circunvaga o olhar pela amplidão que o rodeia, como se naquele adeus se lhe fosse uma parte da alma, e precipita-se na ribeira.

O Sol no alto dardejava sobre os campos os seus ardentíssimos raios, agora com maior intensidade, dando vida ás mais humildes florinhas.

Para os eternamente perseguidos pelo negro Destino, não tem o mez de Maio, nem encantos, nem flores.

Sines – 22-5-930
MARIA CANDIDA

Sines
MUNICÍPIO

AM
ARQUIVO
MUNICIPAL
CÂMARA MUNICIPAL DE SINES